

O BOLETIM



DOS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL

BOLETIM de LIGAÇÃO Nº 18
Janeiro 2016

ASSOCIATION DES AMIS DU PÈRE CAFFAREL
49 RUE DE LA GLACIERE
F-75013 PARIS
www.henri-caffarel.org

O DVD do Padre Caffarel pode ser encomendado a:

L' Association des Amis du père Caffarel,

- por correio: 49 rue de la Glacière F-75013 PARIS
- ou pela internet no sítio: www.henri-caffarel.org
ao preço de **5 €**

Na última página encontra-se um boletim para a
renovação da sua adesão para o ano de 2016,
caso ainda não o tenha feito.

No verso do referido boletim pode escrever os nomes de amigos
a quem quer que enviemos um pedido de adesão.

SUMÁRIO

- **Editorial: «Faz-te Esperança»**
José e Maria-Berta Moura Soares p. 4
- **O 3º encontro internacional dos responsáveis regionais das Equipas de Nossa Senhora em Roma**
 - o **Discurso do Papa Francisco às Equipas de Nossa Senhora** p. 6
- **O 3º encontro nacional das Equipas de Nossa Senhora no Brasil**
Vicélia e Luiz Carlos MAGALHÃES p. 9
- **A palavra do redactor da causa**
Padre Paul-Dominique Marcovits p. 12
- **A palavra do postulador da causa**
Padre Angelo Paleri p. 14
- **Arquivos do Padre CAFFAREL**
O Amor, mais forte do que o sofrimento
Conferência proferida no Pentecostes de 1967
pelo Padre Henri Caffarel p. 16
- **A Oração do Padre Caffarel** p. 23
- **Association des Amis du Père Caffarel,**
membros honorários p. 24
- **Boletim para renovação de adesão** p. 27

EDITORIAL

Tó e José Moura-Soares

(Casal responsável da Equipa Responsável Internacional das Equipas de Nossa Senhora)



Faz- te Esperança

O Papa Francisco, na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz, deu o mote a seguir: “*Vence a indiferença e conquista a paz* “. Pretende alertar para os reflexos da Paz no comportamento de indiferença pelo outro na sociedade do nosso tempo. Se somos salvos pela Esperança, como diz Bento XVI, sem dúvida que é possível acreditar que conseguiremos vencer a indiferença, e só assim a paz é possível. Havendo uma indiferença integral, como diz o Papa, só com gestos de misericórdia se vencerá o desamor.

Hoje, pela primeira vez a sociedade é global. Tudo nos afecta e também a indiferença perante a situação do outro que está ferido é global, apesar da televisão entrar pelas nossas casas e nos mostrar as guerras e injustiças que nos deveriam sensibilizar para a mudança.

Com o Jubileu da Misericórdia, o Papa Francisco pretende que o próprio Jubileu possa ser contributo da Igreja para despertar em nós, homens e mulheres de hoje, o reconhecimento da dignidade e da responsabilidade na colaboração de uma sociedade mais justa.

Se Deus não é indiferente ao amor dos homens, também os homens não podem sê-lo ao Amor de Deus. O homem que não reconhece Deus é o único senhor de si próprio, estabelecendo para si mesmo a medida dos seus direitos, deveres e responsabilidades, que o levam a recusar a culpabilização do sofrimento do outro.

Podemos então perguntar: quais são então as causas e formas da Indiferença?

A indiferença para com o próximo.

A indiferença perante os grandes acontecimentos do mundo.

A indiferença perante o planeta que habitamos.

O Jubileu da Misericórdia é um sinal profético dirigido a todos, crentes e não crentes, é uma proposta que nos mostra como o amor se pode exercer com compaixão e encontrarmos assim uma regra de vida, contrariando a indiferença através da misericórdia.

Construir uma paz que é feita de misericórdia e compaixão: a paz é muito mais do que o silêncio das armas ou a tranquilidade na ordem, como dizia Tomás de Aquino. A paz verdadeira nasce da conversão operada por cada um no seu coração. As nações e os povos também podem ter um coração de reconciliação e de paz. Porque não então mobilizar a família, as **END**, para um compromisso concreto, ao ajudar a repensar as leis vigentes actuais e comprometermo-nos todos com esta magnífico Projecto.

A tarefa é árdua mas talvez seja altura de lembrar que no Evangelho, o milagre não é uma solução. É apenas um sinal contra a resignação e o fatalismo, um apelo à imaginação criadora que não dispensa os caminhos da formação e do método. Situa-se num objectivo que parece quase impossível de alcançar, mas a recusa e ao mesmo tempo a luta por um futuro que parece irrealizável é a mola que não nos deve deixar anestesiar pelo conformismo.

Só assim seremos capazes de responder de forma firme e determinada à pergunta deixada pelo Padre Caffarel: *“Quereis participar na grande tarefa empreendida pelas Equipas de Nossa Senhora; instaurar o reino de Cristo nos casais, fazer que a santidade se enraíze em pleno mundo moderno, formar bons operários da cidade, robustos apóstolos de Cristo? Estais na linha certa.”*

(Editorial da Carta mensal nº 6)

Tó e José Moura Soares

3º Encontro Internacional dos Responsáveis Regionais das Equipas de Nossa Senhora

Os Responsáveis Regionais reuniram-se em Roma de 6 a 11 de Setembro em torno da mensagem de Isaías:

«Eis-me aqui, Senhor, envia-me» (Is 6,8)

Por ocasião deste encontro, o Papa Francisco prestou homenagem às Equipas de Nossa Senhora durante uma audiência no Vaticano a 10 de Setembro. Animou-os a prosseguir a sua missão junto dos casais em dificuldades e a partilhar a sua experiência.

Lembrando que o próximo Sínodo dos Bispos se vai debruçar sobre «o que vivem as famílias, células vitais das nossas sociedades e da Igreja e que se encontram ameaçadas num contexto cultural difícil», declarou que um Movimento como o nosso «tem todo o seu lugar na atenção que a Igreja quer dar às famílias, tanto pela competência dos casais que fazem parte das Equipas como pelo apoio fraterno dado aos casais a quem são enviados».

«Na verdade, gostaria de insistir neste papel missionário das Equipas de Nossa Senhora. Cada casal comprometido recebe certamente muito do que vive na sua equipa, e a sua vida conjugal aprofunda-se quando se aperfeiçoa graças à espiritualidade do Movimento. Mas, depois de ter recebido de Cristo e da Igreja, o cristão é irresistivelmente enviado a testemunhar e a transmitir o que recebeu. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos baptizados. Os casais e as famílias cristãos são muitas vezes quem está mais bem colocado para anunciar Jesus Cristo às outras famílias, para as apoiar, para as fortalecer e para as animar. O que viveis em casal e em família [...], essa alegria profunda e insubstituível que Cristo Jesus vos faz experimentar através da sua presença nos vossos lares no meio das alegrias e das tristezas, através da felicidade da presença do vosso cônjuge, através do crescimento dos vossos filhos, através da fecundidade humana e espiritual que Ele vos concede, tudo isso deveis testemunhar, anunciar, comunicar no exterior, de forma a que outros, por sua vez, sigam este caminho. Em primeiro lugar, incentivo todos os casais a praticarem e a viverem em profundidade, com constância e perseverança, a espiritualidade

seguida pelas Equipas de Nossa Senhora. Penso que os pontos concretos de esforço propostos são verdadeiramente auxílios eficazes que permitem que os casais avancem com confiança na vida conjugal na senda do Evangelho. Penso especialmente na oração conjugal e familiar, bela e necessária tradição que sempre sustentou a fé e a esperança dos cristãos, infelizmente abandonada em muitas regiões do mundo; penso também no diálogo mensal proposto aos cônjuges [...] que vai tão contra aos hábitos do mundo apressado e agitado, impregnado de individualismo, momento de troca de experiências vivido na verdade sob o olhar do Senhor, que é um tempo precioso de acção de graças, de perdão, de respeito mútuo e de atenção ao outro; penso finalmente na participação fiel numa vida de equipa, que dá a cada um a riqueza do ensino e da partilha, bem como a ajuda e o conforto da amizade. Sublinho, a este respeito, a fecundidade recíproca deste encontro vivido com o sacerdote conselheiro espiritual. Obrigado, queridos casais das Equipas de Nossa Senhora, por serem um apoio e um encorajamento no ministério dos vossos sacerdotes que encontram sempre, no contacto com as vossas equipas e as vossas famílias, alegria sacerdotal, presença fraterna, equilíbrio afectivo e paternidade espiritual».

«Em segundo lugar, convido os casais, fortalecidos pelo encontro em equipa, à missão. Esta missão que lhes é confiada é tanto mais importante quanto a imagem da família – como Deus a quer, composta por um homem e uma mulher com vista ao bem dos cônjuges e à geração e à educação dos filhos – é deformada por poderosos projectos contrários sustentados por colonizações ideológicas. É claro que já sois missionários pela irradiação da vossa vida familiar nas vossas redes de amizade e de relações, e mesmo além delas. Na verdade, uma família feliz, equilibrada, habitada pela presença de Deus fala por si só do amor de Deus por todos os homens. Mas convido-vos também a empenhar-vos, se possível, de uma forma mais concreta e com criatividade sempre renovada, nas actividades que podem ser organizadas para acolher, formar e acompanhar na fé sobretudo os casais jovens, antes e depois do casamento».

«Exorto-vos ainda a continuardes a ser próximos das famílias feridas, que hoje são tão numerosas, seja por causa da falta de emprego, da pobreza, de algum problema de saúde, de um luto, da inquietação causada por um filho, do desequilíbrio provocado por um afastamento ou uma ausência, de um

clima de violência. Há que ter a coragem de ir ao encontro dessas famílias, com discrição mas com generosidade, material, humana ou espiritualmente, nas circunstâncias em que elas se encontram fragilizadas. Finalmente, não posso deixar de encorajar os casais das Equipas de Nossa Senhora a serem instrumentos da misericórdia de Cristo e da Igreja para com as pessoas cujo casamento falhou. Nunca vos esqueçais de que a vossa fidelidade conjugal é um dom de Deus, e de que também para com cada um de nós se usou de misericórdia. Um casal unido e feliz pode entender melhor do que ninguém, como do interior, a ferida e o sofrimento que causam um abandono, uma traição, um fracasso do amor. É necessário, portanto, que possais dar o vosso testemunho e a vossa experiência para ajudar as comunidades cristãs a discernir as situações concretas dessas pessoas, a acolhê-las com as suas feridas e a ajudá-las a caminhar na fé e na verdade, sob o olhar de Cristo Bom Pastor, para participarem de forma adequada na vida da Igreja. Também não vos esqueçais do sofrimento indizível dos filhos que vivem essas situações familiares dolorosas; podeis dar-lhes muito. Queridas Equipas de Nossa Senhora, renovo a minha confiança em vós e o meu encorajamento. Desde que causa de beatificação do vosso fundador, o Padre Henri Caffarel, chegou a Roma, rezo para que o Espírito Santo ilumine a Igreja no juízo que, a seu tempo, pronunciará sobre esta questão. Confio os vossos casais à protecção da Virgem Maria e de São José, e de coração concedo-vos a minha bênção apostólica».



3º Encontro das EQUIPES DE NOSSA SENHORA no BRASIL

O pensamento do PADRE CAFFAREL

Vicélia e Luiz Carlos MAGALHÃES

Entre os dias 30 de junho e 3 de julho de 2015 realizou-se o 3º Encontro Nacional das Equipes de Nossa Senhora no Brasil, no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Éramos cerca de 7.000 equipistas, vindos de todos os estados brasileiros em que o Movimento está presente (23 dos 27 estados).



Esse mar de gente alegre e falante, nos fez lembrar do “rio humano”, como o denominou o Pe. Caffarel na primeira reunião de Equipe naquele 25 de fevereiro de 1939 que foi concluída com a afirmação: “cuidar, purificar a fonte do rio [*o amor do casal, segundo o Pe. Caffarel*]. É por isso que estamos aqui”.

Também nós por isso estávamos lá, na casa de nossa Mãe, ávidos para encontrar nossos companheiros de caminho, orar juntos, escutar e meditar a Palavra de Deus, partilhar nossas vivências, ouvir o que o Movimento teria a nos dizer, que conselhos queria nos dar para bem cuidarmos e purificarmos o nosso casal.

Com o tema “Matrimônio cristão: festa da alegria e do amor conjugal” e utilizando o método VER-JULGAR-AGIR, aprofundamos a reflexão do texto do Evangelho de São João sobre as Bodas de Caná. Nos veio à mente um texto pouco conhecido do Pe. Caffarel no qual ele dá a palavra a cinco párocos de aldeia e o último deles suspeita que a melhor ação pastoral é trabalhar na conversão dos casais; o texto de João lhe dá a certeza:

“Esta presença de Cristo nessas bodas – e com sua mãe e com seus apóstolos –, este interesse que Ele tem não somente no bem espiritual dos esposos, mas na sua festa – que Ele quer perfeita – essa água que Ele transforma em vinho para que a alegria não acabe, e esse vinho do milagre, muito melhor que o vinho das vinhas da Galileia, como tudo isso é prova forte do interesse de Cristo, não somente pelo amor, não somente pelo casal, mas também por tudo o que lhe diz respeito, pelo seu lar!”¹.

No primeiro dia (VER) guiou-nos a observação de Maria: “*Eles não têm mais vinho*”, levando-nos a refletir sobre a atenção, o cuidado, a solicitude, dos quais Maria e o próprio Cristo, como nos diz o quinto pároco do Pe. Caffarel, nos dão o exemplo. E após ter ouvido os testemunhos de casais (experientes e jovens) e de um Conselheiro Espiritual terminamos o dia, já noite, com o Terço Luminoso, momento de forte manifestação de fé que a todos tocou muito.

O segundo dia (JULGAR), sobre ordem o versículo “*Fazei tudo o que Ele vos disser*”, aprofundou o tema central do Encontro, a festa do amor conjugal, e nos fez refletir sobre “A nova aliança e o vinho do amor”. Na tarde deste segundo dia a lembrança do Pe. Caffarel foi fortemente marcada por Dom João Oneres Marchiori, Bispo Emérito da Diocese da Lajes – estado de Santa Catarina –, que com muito entusiasmo falou sobre os ensinamentos do Pe. Caffarel e de como este influenciou a sua vida sacerdotal e episcopal.

¹ L’Anneau d’Or – LE MARIAGE, CE GRAND SACREMENT. Número especial 111-112 – Maio - Agosto 1963 (pp 305 a 321), “DES CURÉS S’INTERROGENT” [“ALGUNS PÁROCOS SE QUESTIONAM”]

“*Enchei as talhas de água*” foi o versículo de reflexão no último dia do Encontro, orientado para o AGIR, convidando-nos a pôr os nossos talentos a serviço do amor de Jesus e partir para o mundo a serviço da Igreja.

As Missas na Basílica, os momentos de oração, as palestras profundas, os belos testemunhos, as orientações, a convivência com os casais; é disto que vamos sempre nos lembrar do 3º Encontro Nacional.

Tentaremos continuar na vida dividindo o vinho bom que Jesus quer nos dar diariamente, vivendo a festa do nosso Matrimônio e mostrando ao mundo nossa alegria como casal cristão. É o que desejava para nós e de nós o Pe. Caffarel: “Sejam felizes: o Senhor aguarda esse louvor, e os que os cercam, esse testemunho”².

Vicélia e Luiz Carlos MAGALHÃES



² *Lettre du Mois*, 25 de Dezembro de 1945, p. 1.

Ao Serviço

*O decreto de validade do
inquérito diocesano*

Padre Paul-Dominique Marcovits, o.p.

*Encarregado da redacção da Positio
da Causa de Canonização
do Padre Caffarel*



Decreto de validade

A 10 de Novembro de 2014, o Inquérito diocesano sobre o Padre Caffarel foi entregue em Roma à Congregação para as Causas dos Santos. Que se passou a partir daí? Dando conta dos pormenores, as 6 000 páginas do Inquérito diocesano foram editadas em dezasseis volumes cartonados a branco: é a *Copia publica*, cópia pública que pode ser consultada por pessoas exteriores à Congregação. A seguir, um membro da Congregação verificou que tudo se desenrolara segundo as regras da Igreja: verificação do procedimento e verificação dos testemunhos. Por último, o relatório dessa verificação foi submetido à Assembleia ordinária dos responsáveis da Congregação: esta declarou que o inquérito feito em Paris era válido. O Prefeito da Congregação, o Cardeal Angelo Amato, assinou o **Decreto de validade** do Inquérito diocesano sobre o Padre Henri Caffarel a 9 de Outubro de 2015.

O Decreto de validade é importante. De facto, é ele que encerra a primeira etapa para a beatificação. Evidentemente, este decreto não se pronunciou sobre o mérito, não diz que o Padre Caffarel é “santo”, mas diz que não há nada que se oponha à continuação dos trabalhos, à apresentação das virtudes do Padre Caffarel.

Este decreto de validade abre a segunda etapa do trabalho, a redacção da causa, da *Positio*. A 9 de Novembro de 2015, a Congregação nomeou um Relator que, sendo membro da Congregação, é encarregado de dirigir essa redacção. A *Positio* é a apresentação das virtudes e da santidade do Padre Caffarel a partir dos documentos do inquérito parisiense. O **Relator** é o Padre Zdzislas Kijas, franciscano conventual polaco: professor de teologia, foi encarregado da causa do beato mártir romeno Mons. Vladimir Ghika, que teve um papel importante na vida do Padre Caffarel, em particular na sua formação para o sacerdócio. O Padre Kijas supervisionará a própria redacção da causa que é feita por um **Colaborador externo**, o Padre Paul-Dominique Marcovits, o.p., o ex-postulador em Paris.

Lembremos que, a partir de Junho de 2015, o **Postulador romano** é o Padre Angelo Paleri, que se apresenta neste boletim. Nos últimos meses que precederam o encerramento da fase diocesana em Paris, o Padre Paleri prestou-nos grandes serviços para a apresentação do dossier, pois ele é postulador geral da sua Ordem, os Franciscanos conventuais.

Confiemos tudo isto à benevolência de Deus. Nós trabalhamos para a glória de Deus, para que a santidade do Padre Caffarel seja reconhecida, e também para o bem de todos os cristãos e de todos os homens. Que o Padre Caffarel e os seus ensinamentos sejam conhecidos! O matrimónio, a oração, são realidades que podem trazer tanta felicidade!

Padre Paul-Dominique Marcovits, o.p.

Ao Serviço

Frei Angelo Paleri, OFMConv, Postulador em Roma para a causa do Servo de Deus Henri Caffarel

Bom dia, Padre. O senhor foi nomeado postulador em Roma da causa do Servo de Deus Henri Caffarel. Pode apresentar-se?

O meu nome é Angelo Paleri, e pertenço aos Frades Menores Conventuais (também conhecidos como *Cordeliers* nos países de língua francesa, como *Minoriten* nos países de língua alemã, como *Franciszkanie* na Polónia). Nasci em 1951 em Ancona, nas Marche, professei em 1967 e foi ordenado padre em 1975.

Depois de um breve período de estudo em Londres para me preparar para a vida missionária, obtive um diploma de missiologia no *Missionary Institute of London* (1977). Em 1978 parti para a Zâmbia, onde permaneci como missionário até 2005.

Posso dizer que muitas foram as experiências de trabalho nestes anos (pároco ou vigário durante todos estes anos, Vigário episcopal de 2001 a 2005), formação e ensino (encarregado da formação dos jovens candidatos zambianos nas várias fazes da sua formação, e ensino da tradição franciscana nas diferentes casas de formação, depois, após a licenciatura em teologia bíblica no *Studium Biblicum Franciscanum* de Jerusalém, ensinei também Sagrada Escritura e línguas antigas de 1991 a 2004 no seminário interfranciscano em Lusaka e em outros estabelecimentos), tarefas administrativas (secretário da Província da Zâmbia de 1984 a 1987 e de 1996 a 2004, ecónomo provincial de 1997 a 2004, Conselheiro do Bispo de Ndola e membro do Conselho presbiteral de 2001 a 2005).



E a sua missão de postulador?

Desde 1996, tenho estado envolvido no trabalho de postulação das causas dos santos, como vice-postulador para a causa de beatificação e de canonização de Mons. Francesco Mazzieri (fundador da nossa missão na Zâmbia e primeiro bispo de Ndola) e também notário *ad hoc* para o inquérito diocesano sobre um milagre atribuído ao venerável Padre Afonso Fusco (fundador das Irmãs de São João Baptista).

Em 2005, fui nomeado postulador geral da Ordem dos Frades Menores Conventuais, e assim, ao longo destes onze anos, realizei investigações e fiz conferências sobre as diversas causas que me foram confiadas, Trabalhei em particular para as canonizações de Santa Ângela de Foligno (2013) e de São Amato Ronconi (2014), ambos da Ordem Franciscana Secular, e ainda para as beatificações do Beato Francesco Zirano (2014) e do Beatos Michel Tomaszek e Zbigniew Strzalkowski (ambos mártires, como o anterior) e do Padre Alessandro Dordi, padre diocesano *fidei donum* (2015).

Como conselheiro espiritual de uma equipa de Nossa Senhora em Roma desde 2006 e, recentemente, do Sector Roma B, fui encarregado pelos *Amis du Père Caffarel* da causa do padre Henri Caffarel; espero assim poder contribuir o melhor possível para a sua beatificação.

Frei Angelo Paleri, OFMConv

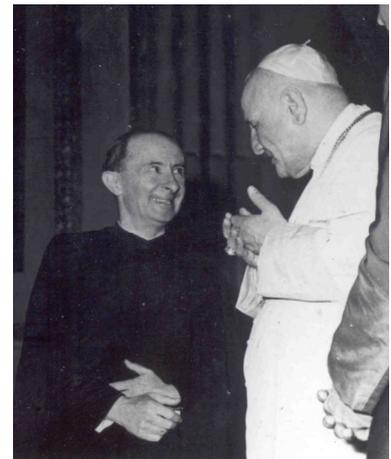
ANO DA MISERICÓRDIA ARQUIVOS DO PADRE CAFFAREL

L'ANNEAU D'OR

NÚMERO 137 – SETEMBRO – OUTUBRO 1967

– PÁGINAS 331 A 342

Excertos de uma conferência proferida pelo Padre CAFFAREL no Pentecostes de 1967 em Lourdes, diante de um auditório de 4 500 viúvas. Ao longo deste texto, o Padre CAFFAREL interroga-se sobre o sentido cristão do sofrimento.



O AMOR, MAIS FORTE DO QUE O SOFRIMENTO

Como é fácil, entre intelectuais à roda de uma mesa, dissertar sobre o sofrimento! Como é muito mais difícil falar dele quando se tem diante de si seres que sofrem no coração e na carne, espíritos desconcertados pelo enigma do sofrimento! Receia-se irritar uma chaga viva. Um padre, [...], escrevia com muita razão: «O sofrimento não é antes de mais uma questão sobre a qual se disserte, é sempre o sofrimento de alguém».

A minha apreensão agudiza-se ainda mais ao pensar que entre vós talvez se encontrem almas revoltadas. Impossível não fazer a pergunta: As minhas palavras conseguirão reconciliá-las com Deus, ou irão afastá-las mais? Confrontado com tal risco, pedi a Maria que rezasse por todas vós e por mim.

Procurem não me ouvir apenas com o raciocínio da vossa razão, pronta a discutir, a argumentar, a objectar. O sofrimento é um mistério, que só pode confundir uma razão orgulhosa entregue/deixada aos seus próprios recursos. Sobretudo, não cedei à tentação de vos constituídes acusadores de Deus, de o intimar a justificar-se; antes, humildemente, como uma criança com o seu pai, pedi-lhe que vos ajude a entender [...]

Não filho de Deus

O grande erro é acreditar que o sofrimento é obra de Deus, filho de Deus. Se assim fosse, a crueldade do filho só poderia ser um reflexo da crueldade do pai. Mas não é assim; não há nenhuma relação de parentesco entre o sofrimento e Deus. Olhai o paraíso terrestre, esse mundo completamente novo saído das mãos de Deus em que o homem e a mulher acabam de surgir, maravilhados com essa criação que lhes é dada em exclusividade: lá o sofrimento é desconhecido, e sê-lo-á até ao dia do primeiro pecado. É este o ensinamento da Igreja.

E, em seguida, considerai esse outro Paraíso em que, para a eternidade, o Pai do céu reúne todos os seus filhos. Ali não haverá mais dor. Não lemos no Apocalipse: «Nunca mais passarão fome nem sede; nem o sol nem o calor ardente cairão sobre eles [...] e Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos» (7,16-17)? De um mundo onde Deus reina, onde a sua vontade não encontra oposição, o sofrimento é excluído.

Filho do pecado

E, de facto, o sofrimento é filho não de Deus mas do pecado. Adão e Eva pecadores perceberam isto tragicamente diante do cadáver do seu filho Abel, morto por ciúme pelo irmão Caim. Assim, o primeiro pecado de nossos primeiros pais é a nascente deste rio de sofrimento que submergiu a terra, e que todos os dias os novos sofrimentos provocados pelos pecados do mundo vêm engrossar. Pensai naquelas crianças, naqueles homens e naquelas mulheres vítimas dos bombardeamentos, vítimas desse terrível pecado chamado guerra — a televisão oferece-nos quase diariamente o seu espectáculo medonho.

Entre todos esses sofrimentos, olhai o de Cristo na cruz: terá ele outra causa que não o pecado? O pecado do sumo sacerdote, invejoso da sua influência, o ódio de uma multidão fanatizada, a cobardia de um funcionário romano, sem esquecer os pecados de todos nós.

Deus, inimigo do sofrimento

Sendo o sofrimento filho do pecado, Deus abomina-o. Seria tão ilógico atribuí-lo ao Senhor como ao artista as facadas com que o seu quadro foi dilacerado. Absurdo, o sofrimento é um escândalo para a inteligência de Deus. Quanto mais para o seu coração: como poderia o coração de um pai

assim não ficar revoltado com a dor de um de seus filhos, seja esse filho o seu Filho ou um de nós? [...]

Esses sofrimentos não imputáveis ao homem...

É muito possível que surja nos vossos espíritos alguma objeção, que alguma de vós queira dizer-me: o senhor fala daqueles muitos que suportam sofrimentos cuja causa é pecado: vítimas da guerra, crianças vítimas, esposas abandonadas, famílias enlutadas pela imprudência de um mau condutor... mas há outros sofrimentos que não podem ser imputados aos homens. Conheço bem essa objeção; ela foi-me dirigida em condições tais que nunca a esqueci. Em Paris, no metro à hora de ponta: um bêbado vem ter comigo, mostra-me, no seu jornal amachucado, um título em letras enormes, relatando os desastres causados por um ciclone já não sei em que região da terra. E interpela-me: «Acredita, senhor padre, que haveria coisas assim se houvesse um Deus bom?». Confesso, sem orgulho, que me veio de repente uma razão imperiosa para descer na estação seguinte — não tendo vontade nenhuma de fazer uma conferência sobre o sentido cristão do sofrimento diante dos passageiros intrigados, que assistiam ao diálogo do bêbado e do jovem padre. Devo admitir que a objeção é embaraçosa. E não vos vou dizer o que Deus teria feito para evitar os cataclismos numa humanidade sem pecado. Mas eu não estou longe de reagir como o bêbado que, na sua lógica de homem corajoso, raciocinava assim: Quando eu não estou demasiado bêbado, não bato na mulher nem nos filhos; se houvesse um Deus bom, seria certamente melhor do que eu, não bateria nos homens. Mas enquanto ele conclui: se o sofrimento existe é porque Deus não existe, eu penso: uma vez que Deus é amor e amor todo-poderoso, ele não teria dificuldade nenhuma em afastar o sofrimento de uma humanidade sem pecado. Então, mantenho firme a minha certeza tirada da Bíblia: foi na sequência do pecado que o sofrimento apareceu no mundo.

Cristo perante o sofrimento dos homens

A reacção de Cristo perante o sofrimento dos homens reforça a minha convicção.

Recordai: *«Nas aldeias, cidades ou campos, onde quer que entrasse, colocavam os doentes nas praças e rogavam-lhe que os deixasse tocar pelo menos as franjas das suas vestes. E quantos o tocavam ficavam curados»* (Mc 6,56). Recordai ainda aquela cena que, estou certo, vos é muito

especialmente cara: À entrada de uma pequena cidade, ouvem-se jovens flautistas e carpideiras; e eis que Jesus Cristo e os apóstolos se cruzam com um funeral. Jesus olha: uma mulher segue a padiola em que está estendido um jovem; ela já tinha perdido o marido, e o seu único filho acaba de morrer. O Mestre compadece-se, diz o Evangelho. Ressuscita o morto e «entrega-o à sua mãe». Pensai ainda naquele episódio inesquecível: diante da dor de Marta e de Maria, Jesus começa a chorar e ressuscita o seu irmão. Jesus Cristo, não há dúvida nenhuma, apresentou-se na terra como o inimigo do sofrimento. Milhares de pessoas foram por ele libertos da opressão da dor. O seu amor não só o levava a compadecer-se, a partilhar a dor dos seus irmãos sofredores, mas também a libertá-los. Quem não reagir como ele não é seu discípulo. E se um cristão não se escandalizar com o sofrimento, fico escandalizado com esse cristão.

Então, por que é que as pessoas piedosas nos repetem, quando sofremos, que temos de aceitar a vontade de Deus? — Esta maneira de falar, admito, presta-se a confusão e eu nunca a uso. Voltemos a Cristo. Não me ides dizer que os executores fizeram a vontade do Pai crucificando-o: eles cometeram o mais medonho dos crimes. A vontade do Pai não é que o seu Filho seja torturado, mas que, torturado, aceite o sofrimento que o pecado lhe inflige e assim prove o seu invencível amor pelos homens.

Cristo e a cruz

«Se Cristo é contra o sofrimento, se Cristo o combateu, por que é que somos convidados a amá-lo?». É a outra pergunta que me fez, não sem veemência, o jovem professor de que vos falava.

Ainda vejo o seu gesto patético apontando para o crucifixo pendurado na parede do meu escritório: «Quando eu penso, disse-me ele, que o senhor sente a necessidade de o pendurar em todas as suas paredes, plantá-lo nas encruzilhadas de todos os nossos caminhos, de o erguer até ao cume das montanhas para nos exortar a amar o sofrimento...».

Ao que eu respondi: «Você faz o crucifixo dizer o contrário do que ele significa. Longe de nos pregar a bondade, a amabilidade, a inteligibilidade do sofrimento, a cruz proclama em todo o mundo a vitória definitiva de Cristo sobre o sofrimento e a morte».

Temos de parar para reflectir nesta afirmação aparentemente contrária à evidência diária. Eis-nos chegados ao coração do mistério cristão. Vejamos como Cristo se comporta já não perante o sofrimento dos outros mas perante o

que o agride. Ele apresenta-se sob a forma da cruz, cujos braços estendidos parecem dizer: não se pode passar! Ele poderia facilmente ter-lhe escapado, dar meia volta. Mas não, não se deixou desviar, avançou até à cruz. Seria por achar bom o sofrimento, por o amar? Certamente que não! Causa-lhe horror, esse filho do pecado. Treme de medo diante dele. Mas então, por que se apressa a ir para o Calvário, por que tem urgência de que chegue a sua «Hora»? Imaginai um noivo que se atira para as chamas para salvar a mulher que ama; não direis que ele ama as chamas; é a sua noiva que ele ama. Não é a cruz, o sofrimento, que Cristo ama, mas o Pai que o chama e a humanidade que ele quer salvar, aquela de quem ele quer fazer sua esposa. Sim, o seu sacrifício é realmente a vitória do amor sobre o sofrimento e sobre o pecado que é a sua origem. É isto que significa o crucifixo das nossas igrejas, das nossas casas, dos nossos campos.

Falo da vitória do amor, mas seria mais correcto ainda falar de uma vingança do amor sobre o sofrimento. Que vingança, na verdade, a de fazer do sofrimento — filho do pecado, da recusa do amor — a oportunidade para um amor maior! Pois é verdade que no sofrimento o amor excede-se a si próprio. Neste sentido, podemos dizer que o sofrimento é bom, inteligível, fecundo, mas na realidade não é ele, é o amor que ele provoca e estimula que é bom, inteligível, fecundo.

Crucifixos enganadores, crucifixos verídicos

Reconheço que há crucifixos que nos induzem em erro. Já repararam que há dois tipos de crucifixos: os que se qualificam como «realistas» e os que se designam com o termo «místico»? Os crucifixos realistas, infelizmente os mais comuns, representam Cristo despido, com o corpo lavrado de chagas, torcido de dores, corado de espinhos; estes visam essencialmente comover-nos, despertar a nossa compaixão. Parecem exprimir o triunfo do sofrimento. Felizmente há outros que anunciam a vitória do amor: os crucifixos ditos místicos que se encontram sobretudo nos orientais: Cristo vestido com uma túnica, com uma coroa imperial na cabeça, de olhos bem abertos e os braços na horizontal. Por vezes, o rosto parece impassível, muitas vezes deixa filtrar uma alegria misteriosa, a alegria daquele que disse: «*A felicidade está mais em dar do que em receber*» (Act 20,35). [...]

Acreditar no amor compassivo de Deus

Como pode uma viúva cristã reagir na sua terrível provação: é disto que agora vos vou falar, à luz do que acabei de dizer sobre o sentido cristão do sofrimento.

Vós sabeis que o nosso Deus não é um Deus impassível mas infinitamente compassivo, aquele que ficava perturbado perante o sofrimento dos corpos e dos corações, que tinha piedade das multidões, que repetia: «*Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos*» (Mt 11,28). Como tudo muda — não é verdade? — quando para nós Deus já não é o ser que imaginamos a espiar-nos para nos apanhar em falta, mas aquele que se compadece, que, ousado dizer, pede desculpa por ter deixado o sofrimento aproximar-se de nós. Bernanos soube exprimir isto em termos pungentes. Ele fala de uma mãe junto do seu filhinho morto — mas as suas palavras aplicam-se igualmente à esposa cujo marido acaba de dar o último suspiro. Cito de memória: «Uma mãe esconde uma última vez o rosto num pequeno peito que já não voltará a palpitar. Bruscamente, ergue-se. A Voz divina, a Voz que lançou os sóis no espaço tal como uma mão lança as sementes, a Voz acaba de lhe murmurar baixinho: “Perdoa-me. Um dia vais saber, vais compreender, vais dar-me graças. Mas agora o que espero de ti é o teu perdão, perdoa”».

Sofrimento, oferenda de amor

Se vos deixardes instruir por Cristo, ele convidar-vos-á, suavemente, pacientemente a ultrapassar também esse estágio de sofrimento aceite e vivido sob o seu olhar compassivo. Propor-vos-á uma atitude mais semelhante à sua na hora da Paixão. Ajudar-vos-á a fazer do vosso sofrimento uma oportunidade para um maior amor; falo em primeiro lugar, é claro, da dor cruel da separação, mas também desses mil e um sofrimentos que são as consequências dela e que não tenho de enumerar, vós conhecei-las muito bem. Sim, ao longo do dia o amor pode crescer no vosso coração, as preocupações, as tristezas, as dificuldades podem ser uma oportunidade para uma oferta de amor, para uma vitória do vosso amor a Deus.

Dir-me-eis talvez: Assim como era fácil aceitar e suportar os sofrimentos quando éramos dois, parece difícil agora que estou sozinha. Tendes razão: «Não é bom estar sozinho» está escrito na primeira página da Bíblia. Tendes razão, mas justamente não estais sozinhas. Cristo, é verdade, não ressuscita aquele que vos deixou, mas convida-vos a descobrir cada vez mais a sua presença misteriosa ao vosso lado. Não foi para mim uma surpresa

menor, ao longo de vinte e seis anos de ministério junto das viúvas, ver a força e a alegria que lhes dá o amor de Cristo.

Não que a presença de Cristo substitua pura e simplesmente a dos seus maridos. Muitas diriam que se dirigiram primeiro a Cristo para encontrar o seu marido e que gradualmente (às vezes de um dia para o outro) o amor do Senhor lhes apareceu como uma grande realidade, a grande realidade. Cristo tornou-se seu amigo. Mas, longe de eliminar o seu marido, ele fez o seu amor conjugal mais forte do que a morte; e aquele que tinha sido seu companheiro de estrada tornou-se seu companheiro de eternidade.

E, certamente, a sensibilidade é agora privada das doçuras de uma ternura humana; continua a ser cruel não poder refugiar-se nos braços de um homem que amamos; mas no fundo do coração habita uma alegria muito pura, porque no fundo do coração há dois amores, indissociáveis e intensamente vivos, o de Cristo e o do marido.

Mostrei-vos sucessivamente Cristo compreensivo, compassivo, próximo da viúva que acaba de perder o homem que ela ama, ajudando-a a suportar o seu sofrimento. Depois mostrei-vo-lo a propor-se discretamente como amigo, companheiro de estrada, convidando a viúva a fazer do seu sofrimento uma vitória do amor. A sua ambição, ou melhor, o seu amor quer ainda mais.

É Cristo que sofre em mim

Escutai-o dizer àquela de quem se tornou o amigo: Não quero contentar-me em caminhar ao teu lado, quero viver em ti, sofrer em ti, amar em ti e por ti. Quero de novo a vitória do meu amor sobre o sofrimento, mas desta vez em ti, por ti. Há no mundo uma rejeição tão grande de amor ao Pai do céu, é preciso que em ti e por ti eu lhe dê um acréscimo, uma superabundância de amor. Vais permitir-me continuar, em ti e por ti, a minha grande tarefa redentora? Um dia poderás dizer com verdade como o meu apóstolo Paulo: «*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim*» (Gl 2, 20); sofro, amo, mas já não sou eu quem sofre, já não sou eu quem ama, é Cristo que em mim ama e sofre. [...]

HENRI CAFFAREL

Oração pela canonização do servidor de Deus Henri Caffarel

Deus, nosso Pai,
Tu colocaste no fundo do coração de seu servidor, Henri Caffarel,
um impulso de amor o qual o atraiu sem reservas à teu Filho
e o inspirou a falar dele.

Profeta para o nosso tempo,
ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação de cada um
segundo a palavra que Jesus endereçou à todos: “Venha e siga-me.”

Ele entusiasmou os esposos pela grandeza do sacramento do matrimônio
o qual significa o mistério de unidade e de amor fecundo entre o Cristo e a
Igreja.

Ele mostrou que padres e casais
são chamados a viver a vocação do amor.
Ele guiou as viúvas: o amor é mais forte que a morte.
Estimulado pelo Espírito,
ele conduziu muitos crentes pelos caminhos da oração.
Arrebatado por um fogo insaciável, ele era habitado por ti, Senhor.

Deus, nosso Pai,
pela intercessão de Nossa Senhora,
nós te pedimos apressar o dia
quando a Igreja proclamará a santidade de sua vida,
para que todos encontrem a alegria de seguir teu Filho,
cada um segundo sua vocação no Espírito.

Deus nosso Pai, nós invocamos o padre Caffarel para ...
(Precisar a graça a pedir)

Oração aprovada pelo Monsenhor André VING-TROIS – Arcebispo de Paris.

“Nihil obstat”: 4 de janeiro de 2006 – “Imprimatur”: 5 de janeiro de 2006

No caso de obtenção das graças pela intercessão do Padre Caffarel, entrar em contato:

Le postulateur
Association "Les Amis du Père Caffarel"
49 rue de la Glacière – F 75013 PARIS

Associazione degli amici di padre Caffarel

Membri onorari

Cardinale Jean-Marie LUSTIGER, ex Arcivescovo di Parigi †
René RÉMOND, dell'Accademia francese †
Pedro e Nancy MONCAU †
Mons. Guy THOMAZEAU, Arcivescovo emerito di Montpellier
Padre Bernard OLIVIER o.p. ex Consigliere Spirituale dell' E.R.I. (1) †
Jean e Annick † ALLEMAND, ex-permanenti, Biografi di padre Caffarel
Louis † e Marie d'AMONVILLE, ex-responsabili dell'Equipe Responsable
Internazionale, ex-permanenti.
Madeleine AUBERT, presidente della "Fraternité Notre-Dame de la Résurrection"
Mons. François FLEISCHMANN, ex Consigliere Spirituale dell' E.R.I. (1)
Igar e Cidinha FEHR, ex responsabili E.R.I. (1)
Padre GEOFFROY-MARIE, Frère de Saint-Jean
Prieuré Notre-Dame de Cana (Troussures)
Alvaro e Mercedes GOMEZ-FERRER, ex responsabili dell' E.R.I. (1)
Pierre e Marie-Claire HARMEL, équipiers, ex-ministro belga
Odile MACCHI, ex-presidente della « Fraternité Notre-Dame de la Résurrection »
Marie-Claire MOISSENET, presidente d'onore del Movimento « Speranza e vita »
Gérard e Marie-Christine de ROBERTY, già responsabili dell' E.R.I. (1)
Michel TAUPIN , presidente del Movimento "Speranza e Vita"
Jean-Michel VUILLERMOZ, responsabile degli "Intercessori"
Danielle WAGUET, collaboratrice e esecutrice testamentaria di padre Caffarel
Internazionale, ex-permanenti.

(1) E.R.I. : Equipe Responsable Internationale delle Equipes Notre Dame

Postulatore (Roma) :

Padre Angelo Paleri, o.f.m.conv.

Redazione della causa :

Padre Paul-Dominique Marcovits, o.p.

Direttore della pubblicazione:

José Moura Soares

Equipe de Redazione:

Loïc e Armelle Toussaint de Quièvre-court

LES AMIS DU PÈRE CAFFAREL
Associação conforme lei 1901 pela promoção da Causa
de canonização do padre Henri Caffarel

49, rue de la Glacière - (7^e étage) - F 75013 PARIS

Tél. : + 33 1 43 31 96 21

Courriel : association-amis@henri-caffarel.org

Site Internet : www.henri-caffarel.org

**JÁ PENSOU
EM RENOVAR A SUA ADESÃO
À ASSOCIAÇÃO
DOS AMIGOS DO PADRE CAFFAREL???**

Association internationale de soutien
A LA CAUSE DE CANONISATION DU
Père Henri CAFFAREL
49 rue de la Glacière – 7ème étage
F-75013 PARIS
www.henri-caffarel.org

APELIDO:
Nome(s):
Endereço:
.....
Código postal: Localidade:
País:
Telefone:
Endereço electrónico: @
Actividade profissional – religiosa:

- **Renovo/Renovamos a minha/nossa adesão** à Associação
“Les Amis du Père CAFFAREL” para o ano 2016

- **Satisfaço/Satisfazemos a quota anual:**
 1. Membro aderente: 10 €
 2. Casal aderente: 15 €
 3. Membro benfeitor: 25 € ou mais

Para efectuar o pagamento, dirija-se ao correspondente dos «Amigos do Padre Caffarel» da sua Supra-Região ou Região ou ao casal responsável da sua Supra-Região ou Região, cujas coordenadas são as seguintes:

Peço encaminhar informações e um pedido de adesão às seguintes pessoas:

Nome e Sobrenome.....

Endereço :.....

CEP.....Cidade

Estado:País

e-mail :.....@.....

Nome e Sobrenome.....

Endereço :.....

CEP.....Cidade

Estado:País

e-mail :.....@.....

Nome e Sobrenome.....

Endereço :.....

CEP.....Cidade

Estado:País

e-mail :.....@.....

Nome e Sobrenome.....

Endereço :.....

CEP.....Cidade

Estado:País

e-mail :.....@.....